

Rastro de mortes e de destruição

CLIMA

Depois dos temporais com precipitações a níveis históricos que provocaram duas mortes na Grande BH na quarta-feira, capital permanece sob risco geológico pelo menos até domingo

BERNARDO ESTILAC, GUSTAVO WERNCKE, ISABELA BERNARDES, JOANA GONTIJO, LEANDRO COURI, MÁRCIA MARIA CRUZ e RENATA GALDINO

Em Belo Horizonte, o feriado de ontem foi dia de contar perdas humanas e materiais após um temporal que causou duas mortes na região metropolitana, inundou vias e casas, arrastou carros, provocou desabamentos e deixou toda a capital em alerta para risco geológico, ao menos até o domingo (10/12). A chuva, que começou no início da noite de quarta-feira, concentrou em poucas horas uma quantidade histórica de água e abre temporada de estragos já costumeiros para esta época do ano.

De acordo com dados da Defesa Civil de BH e do Instituto Nacional de Meteorologia (Inmet), entre as 17h e as 18h houve uma precipitação comparável aos dias mais chuvosos da série histórica da capital, registrada desde 1960. Enquanto em todo o dia 24 de janeiro de 1985, o recorde, as estações registraram 171,8mm de água pluvial, só na primeira hora do temporal de quarta-feira (7/12), foram 104,6mm.

Ainda segundo a Defesa Civil de BH, das 17h às 20h de quarta-feira, algumas regiões da cidade registraram uma quantidade de chuva similar ou superior a um quarto do esperado para todo o mês de dezembro. Os pontos mais críticos neste sentido foram as regionais Venda Nova, com 24,7% da média mensal; Nordeste, com 24,9%; Pampulha, com 25,4%; e Oeste, com 30,2%.

Nas ruas da cidade, toda essa água criou um cenário caótico. Na Avenida Cristiano Machado, na altura da Pampulha, o pequeno Davi Monteiro, de 9 anos, foi arrastado pela correnteza por cerca de 400 metros até ser salvo por um casal e escapar sem ferimentos graves. A menos de 10 quilômetros, na Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), carros estacionados foram arrastados pelas ruas do campus.

Na Avenida Bernardo Vasconcelos, o Córrego Cachoeirinha transbordou, chegando a uma altura de cerca de um metro e meio dentro de casas e lojas. A violência da enxurrada arrastou carros e até uma banca de jornal. Comerciantes amanheceram na quinta-feira contabilizando os prejuízos causados pela chuva que, embora tenha durado poucas horas, arrasou com projetos de vidas inteiras.

ÓBITOS Na Grande BH, a tragédia foi ainda mais grave. Em Vespasiano, uma adolescente de 17 anos morreu por consequências da chuva. Ela estava em um carro que foi arrastado pela enchente. O corpo da jovem só foi encontrado na manhã de ontem, às margens da MG-010. O namorado da vítima também estava no automóvel, mas ele conseguiu sair a tempo e se segurar em um bambuzal.



Lixo se acumulou depois dos temporais na Cristiano Machado: só na primeira hora de precipitações, o volume chegou a 171,8mm na capital

CHUVA DE DORES E PREJUÍZOS



A força das águas provocou estragos no asfalto, mas obras em andamento minimizaram impactos em BH, afirma a administração municipal

Já em Santa Luzia, José Martins Teixeira, de 65 anos, foi soterrado após um muro cair e atingir parte de sua casa, no Bairro Palmal. De acordo com a Defesa Civil do Estado, a cidade da Grande BH registrou cerca de 70mm de chuva em uma hora, o córrego que passa pela região transbordou e acabou colapsando a estrutura da residência da vítima.

DESALOJADO O estrago causado pela chuva de quarta-feira em Belo Horizonte obrigou 84 pessoas a deixarem suas casas por efeitos diretos das tempestades, como inundações, risco de desabamento e trincas nas paredes. De acordo com a Defesa Civil da capital, esses moradores já estão fora de risco na casa de amigos ou parentes.

A situação da capital se repete em todo o estado. Segundo boletim divulgado ontem pela Defesa Civil de Minas Gerais, 80 cidades mineiras estão em situação de emergência por conta das chuvas. Ao todo, 1.097 pessoas estão desabrigadas, dependendo de abrigo público, e 3.882, desalojadas.

PESO DA URBANIZAÇÃO

Ao Estado de Minas, o urbanista e professor da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), Roberto Andrés, alerta para o fato de que as condições climáticas e a forma como foi feita a ocupação dos espaços nas cidades explicam as tragédias que se repetem sazonalmente em Belo Horizonte e em todo o país durante as temporadas chuvosas.

Segundo o professor, as cheias dos rios são efeitos naturais em temporadas chuvosas, mas o planejamento de ocupação urbana não respeitou o espaço necessário para o fenômeno e as tragédias relacionadas às chuvas se acumulam, especialmente desde o século 20. Além disso, sob efeito das mudanças climáticas, chuvas cada vez mais fortes devem ser esperadas com o passar dos anos.

O prefeito da capital, Flavio Noman (PSD), se reuniu com secretários e vereadores na manhã de ontem para avaliar as ações tomadas pelos órgãos públicos durante a tempestade da noite anterior. A conclusão da prefeitura foi de que as obras feitas pelo Executivo Municipal nas bacias do Arrudas e Vilarinho e o programa de contenção de encostas da cidade, ainda em andamento, foram capazes de minimizar os efeitos da tempestade.

“As obras que estão sendo feitas pela PBH são relevantes e importantes. Algumas delas são complexas e mais caras, mas temos o dinheiro e em um ou dois anos teremos os resultados para mostrar que, de fato, Belo Horizonte está preparada para as chuvas”, disse Noman.

Previsão é de pancadas isoladas

Oito regionais de Belo Horizonte estão sob alerta de forte risco geológico até amanhã devido às fortes chuvas que atingiram a cidade na quarta-feira e nas primeiras horas de ontem. Apenas o Barreiro não recebeu o alerta vermelho, mas as atenções também estão voltadas para lá, já que o risco de deslizamentos é moderado (alerta amarelo). Da 0h até as 7h de ontem, choveu em vários bairros da capital mineira, embora no

resto do dia não tenha havido precipitações intensas. No decorrer deste fim de semana, entretanto, há previsão apenas de pancadas de chuvas isoladas na tarde de hoje e no domingo, embora a presença de nuvens vá marcar o período, de acordo com previsão do Instituto Nacional de Meteorologia (Inmet). As temperaturas vão variar de 18°C a 31°C, sendo que a máxima deverá ser alcançada no domingo.

O risco geológico vem do volume acumulado. De acordo com a Defesa Civil municipal, só na Região Nordeste choveu 13 milímetros (mm) nas primeiras sete horas de ontem. Em seguida, os maiores volumes foram em Venda Nova (6,8mm), Leste (4,6 mm), Centro-Sul (4 mm), Pampulha (3,8mm), Barreiro (3,3mm), Oeste (2,2) e Norte (0,6mm). Não houve precipitações na Região Nordeste de BH.

Para evitar tragédias, a Defesa Civil orienta moradores a acionarem o órgão, pelo telefone 199, ou o Corpo de Bombeiros, pelo 193, se verificarem sinais de que deslizamentos podem acontecer. São eles: trincas nas paredes, água empoeando no quintal, portas e janelas emperrando, rachaduras no solo, água minando da base

do barranco, inclinação de poste ou árvores, muros e paredes estufados e estalidos.

Segundo o meteorologista do Clima Tempo Rubran dos Reis, a chuvarada foi resultado de uma frente fria que atuava nessas áreas e que se deslocou para o Norte e Nordeste de Minas Gerais. Os estragos que geralmente vêm junto com essas ocorrências climáticas, como explica Rubran, são resultados dos processos de urbanização, muitas vezes sem o planejamento adequado. “Sempre quando há chuvas fortes, vêm os problemas com inundações. O escoamento superficial acontece rapidamente. Como exemplo, podemos citar a Pampulha. Uma hora de chuva forte é suficiente para alagar o ‘aeropor’”, diz. (RG)

CLIMA

Em dia marcado por perdas e danos, uma vitória: o pequeno Davi, de 9 anos, conseguiu sair ileso após ser levado pelas águas na Cristiano Machado. "Um guerreiro", diz a mãe

Criança vence enxurrada

JOANA GONTIJO, MÃRÇA MARIA CRUZ E LEANDRO COURI

Está em casa e passa bem Davi Damião Monteiro, de 9 anos, que foi arrastado pela correnteza durante o temporal de quarta-feira, na Avenida Cristiano Machado, em Belo Horizonte. O susto foi enorme. Vídeos postados nas redes sociais mostram o momento em que o garoto é levado pelas águas. Uma história que poderia ser trágica teve um final feliz. Quem conta é o avô do menino, Ivanir Caetano Monteiro, de 59.

Ivanir mora com a mulher e uma das filhas, Lorena, no Bairro Planalto. Davi e sua irmã, Laura, de 4, são filhos de Isabela, irmã de Lorena. As crianças costumam passar os dias na casa dos avós, enquanto os pais trabalham. Na quarta-feira, como de costume, Ivanir saiu para buscar a esposa no trabalho, e Lorena foi atrás levando os sobrinhos, em outro carro.

"Quando cheguei à Cristiano Machado, a chuva estava muito forte. Parei perto de uma concessionária, quando a água começou a entrar no meu carro, e ele apagou. Lorena estava com Davi e Laura logo atrás, mas eu não sabia. Comecei a ligar para algumas pessoas para avisar o que estava acontecendo. No momento que a água baixou, a Isabela, mãe dos dois, ligou dizendo que o Davi tinha sido levado pela água. Fiquei desesperado e sai gritando por eles", relata Ivanir. Só depois ele foi informado pelo Corpo de Bombeiros que o menino havia sido encontrado.



Estação São Gabriel passa por limpeza: atividade semelhante consumiu o feriado de muitos belo-horizontinos ontem depois da tempestade



Ivanir teve que rebocar ontem o carro que pifou durante o temporal

Nessa hora, vários carros já haviam batido uns nos outros, e o cenário era de caos na avenida. Quando um veículo colidiu com o de Lorena, ela foi jogada no chão e acabou se machucando. Conseguiu se salvar segurando em um poste. Laura continuou dentro do carro, e foi resgatada por pessoas que estavam por perto, quando Lorena viu Davi passando por ela, arrastado pela enxurrada.

Cerca de 400 metros à frente, o menino acabou sendo retirado da água por um homem e uma mulher, perto de um sacolão e, finalmente, tudo acabou bem. Davi não foi levado de imediato ao hospital, já que estava muito assustado e não muito ferido. A mãe, Isabela,

preferiu ir com o garoto para a casa, em Vespasiano, na Grande BH, e ele reclama apenas de dores nos pés. Mas está bastante abalado, como conta Isabela.

"Ele foi um guerreiro, muito forte mesmo, por ter conseguido ficar bem depois de toda essa situação. Mantive o tempo todo a respiração e gritei por socorro. Agora é só gratidão. Pelo tanto que a água o levou, ele teve só arranhões", relata.

A mãe planejava ontem ir com o menino a uma unidade de saúde para exames mais precisos, que possam indicar eventual problema. Deus nos deu o livramento. Apesar das perdas materiais, estamos bem, e o que importa é a vida", diz Ivanir.

DIA DE LIMPEZA Moradores de Belo Horizonte, resignados, contavam ontem os prejuízos nos pontos mais atingidos pelo temporal de quarta-feira. Foram centenas de pontos de alagamento, carros arrastados e pessoas ilhadas. Na Avenida Cristiano Machado, próximo à Estação São Gabriel, Região Nordeste da capital, o transbordamento do córrego da Onça levou parte do asfalto. Na manhã de ontem, máquinas da prefeitura retiravam o lixo e entulho deixados pelas enxurradas. No fundo do Córrego do Onça, um veículo completamente destruído demonstrava a força das águas. Enquanto máquinas retiravam o entulho das vias, muitos moradores contavam prejuízos.

O empreiteiro Ivan Rodrigues da Silva foi buscar o veículo que ele teve de abandonar, por volta das 18h de quarta, quando voltava do trabalho para casa e foi surpreendido pelo temporal. "Estava parado no sinal quando a água começou a subir. Ai dei xeit e carro para me salvar", conta. Como o veículo não tem seguro, ele terá um prejuízo, mas agradece por não ter sofrido algo mais grave.

Morador do Bairro Primeiro de Maio, Afonso Costa sofre todos os anos no período chuvoso. A casa dele fica a cerca de 300 metros do local onde o Córrego do Onça transbordou. "Faltou pouco para a água entrar dentro da minha casa. Já aconteceu de a chuva entrar na minha casa duas vezes e eu perder tudo", afirma.

Ele não acredita que os impactos das chuvas serão resolvidos, apesar das obras realizadas no local. "Estão fazendo uma obra aqui, mas está do mesmo jeito. Falta muita coisa para solucionar. A única solução é eu mudar daqui, porque senão vou continuar perdendo as coisas a toda chuva. Não tem conserto", diz ele, que mora com a esposa, a sogra e o enteado.

Gerardo Luiz Martins, de 57, chamou o Corpo de Bombeiros depois de um princípio de vazamento de gás em sua sapataria na Avenida Bernardo Vasconcelos. Ele afirmou que a tempestade de ontem foi uma das mais fortes que ele presenciou em 12 anos de funcionamento da loja. "Entrou um metro de água. Todo ano é a mesma coisa." Tem que começar tudo de novo, jogar o que estragou na cambaiba e reconstruir de novo", afirma.

Na Avenida Vilarinho, em Venda Nova, na Região Norte de BH, a manhã foi de limpeza e moradores e comerciantes avaliavam os prejuízos causados pela chuva. João Pereira de Souza é dono de uma loja de manutenção de peças de construção civil na avenida. No estabelecimento, a água subiu 1,2 metro. Agora, o comerciante conta perdas que chegam a R\$ 5 mil, entre máquinas de lavar, maquiagens, lixadeiras e muitos outros tipos de equipamentos danificados.

A loja funciona em Venda Nova há sete anos e João diz que está acostumado com os transtornos. "Não é a primeira vez, todo ano acontece isso, mas parece que a chuva agora foi mais intensa", relata, se mostrando cansado diante da situação. "Todo ano não dá. Do jeito que está, não dá para continuar. Agora é limpeza e contar o prejuízo", lamenta.



Gerardo Martins verificou princípio de vazamento de gás em sua loja



Bombeiros fizeram vitória em estabelecimento inundado

ENTREVISTA ROBERTO ANDRÉS URBANISTA E PROFESSOR DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS (UFMG)

"A culpa não é da chuva"

Chuvas fortes são como no verão e devem se intensificar nos próximos anos, já que o planeta passa pelo processo do aquecimento global, como explica o urbanista e professor da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), Roberto Andrés. Mas os problemas que as precipitações causam não são frutos da natureza por si só, muito antes efeitos da ocupação humana que acontece com um planejamento equivocada, muitas vezes de maneira inadequada. "Belo Horizonte foi planejada, inclusive as áreas atingidas pelas fortes chuvas. Há um equívoco na abordagem que acredita que é possível controlar a natureza", aponta. Em entrevista ao Estado de Minas e especialista fala sobre os estragos dos temporais na capital e região, na noite de quarta-feira, e como poderiam ter sido evitados.

O que motivou tanta chuva em pouco tempo na quarta-feira em Belo Horizonte?

Chuvas fortes sempre ocorrem e são fenômenos recorrentes no mundo todo. Desde sempre, as chuvas fortes de verão fazem os rios encherem e ocuparem os fundos dos vales. Esses fundos de vales, em cidades de outros tempos, não eram ocupados por casas, avenidas, comércios etc. E as cidades modernas acharam que podiam ocupar essas áreas, o que é muito característico na história de Belo Horizonte. Não dá para o gestor público falar que foi pegado de surpresa. Vivemos o aquecimento do planeta,

beirões e rios. E aí, rapidamente, no início do século 20, a cidade passou a conviver com enchentes e tragédias nas áreas urbanas. A culpa não é da chuva, é de uma ocupação do território que desrespeita o ciclo natural das águas.

Por que o problema se repete ao longo dos anos?

As chuvas fortes acontecem ano a ano. O volume de chuvas de quarta-feira foi elevado, mas, em 2020 e 2021 também foi alto, e vemos essas tragédias se repetirem. Não dá para o gestor público falar que foi pegado de surpresa. Vivemos o aquecimento do planeta,

que fará com que esses fenômenos sejam cada vez mais intensos. Então, a cidade precisa rever tudo o que foi feito e parar de apostar em soluções falsas. Desde o início do século 20, as gestões públicas em Belo Horizonte têm construído e apresentado supostas soluções de obras de engenharia que nunca resolveram os problemas. Ao contrário, ao final de cada gestão, novas tragédias e novas enchentes acontecem. Então, não dá mais para a gente ficar repetindo falsas soluções que nunca funcionaram e que drenam recursos públicos.

Como evitar caos como o verificado no quarto-feira?

As cidades precisam rever o processo de ocupação das beiras dos rios e de impermeabilização do solo. Asfaltamento de pistas, cimento nos quintais — isso tudo faz com que a água corra cada vez mais rápido para o fundo de vale. Temos três soluções que precisam ser levadas em paralelo. Não são simples, mas precisam ser adotadas. A primeira é desimpermeabilizar o solo. Tem que substituir asfalto por calçamento, voltar com quintais com grama, jardim. Isso inclusive é uma obrigação dos proprietários — manter 20% dos lotes permeáveis — e precisa

ser cumprido. A prefeitura precisa fiscalizar para que isso aconteça. O segundo ponto é a prefeitura investir em uma infraestrutura distribuída de drenagem. É o que a gente chama de drenagem difusa. Fazer em cada praça, em diversas esquinas da cidade, pequenos pontos que tenham áreas drenantes (como jardins, etc), que permitam que a água da chuva que vem daquela encosta seja absorvida ali. Uma pesquisa feita pelo estudante de doutorado da UFMG Deyvid Ross mostra que a implantação de uma estrutura como essa em volta da Avenida Prudente de Moraes reduziria em 60% o volume de água em uma chuva forte como a de quarta-feira. E, por fim, o terceiro ponto: as cidades têm que reduzir emissões. Respondem hoje por 60% das emissões que geram o aquecimento do planeta, que é sério e faz com que essas tragédias sejam cada vez maiores. Grande parte das emissões estão nos automóveis, os veículos particulares. É preciso investir em transporte público, melhorar a qualidade de deslocamento para o pedestre, e desincentivar o uso de automóveis. Tudo isso precisa ser feito ao mesmo tempo. Não é simples. (JG)

Veículo: Impresso -> Jornal -> Jornal Estado de Minas - Belo Horizonte/MG

Seção: Gerais **Página:** 8 + 9